

# Os Caminhos do Turismo\*

## na Ilha Grande

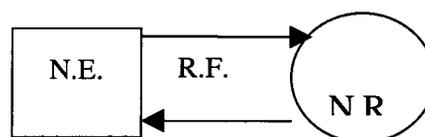
Pedro Francisco Ramuz<sup>1</sup>

O turismo é visto atualmente como um fenômeno econômico, político, social e cultural dos mais expressivos das sociedades ditas pós-industriais, estando ligado dessa forma ao modo de produção e ao desenvolvimento tecnológico.

A primeira referência da palavra *turismo*, encontrada documentalmente, data do ano de 1760, com a expressão *to make a tour (or a circuitus journey in which many places are visited for recreation or business)* – fazer um *tour* (ou uma viagem de circuito na qual muitos lugares são visitados por recreação ou negócio). Esse circuito envolve espacialmente três elementos fundamentais, com incidências territoriais específicas, conforme proposto por RODRIGUES (1992:45):

- *Núcleo Emissor* (N.E.) – ou seja, o local de origem do turista;
- *Rede de Fluxos* (R.E.) – que são as rodovias, ferrovias, hidrovias e linhas aéreas;
- *Núcleo Receptor* (N.R.) – ou meta/razão do deslocamento turístico, ou o que iremos definir como espaço do turismo propriamente dito, visto que este é criado, moldado ou recriado para servir ao turismo, sendo portanto objeto de maior investigação dos que se dedicam à questão.

### ESQUEMA HIPOTÉTICO DO CIRCUITO TURÍSTICO



O objetivo desse trabalho consiste em analisar o processo de inserção e da dinâmica evolutiva do turismo na Ilha Grande, localizada no litoral sul fluminense.

O que trataremos como dinamização do turismo nesse trabalho consiste em um processo histórico amplo, que envolve a produção de um espaço eminentemente turístico, bem como todas as conseqüências causadas nesse mesmo local pela intensificação da prática turística. Conseqüências estas que se traduzem, em síntese, por uma nova relação entre o homem e natureza, estabelecendo uma nova identidade entre a comunidade e o lugar.<sup>2</sup>

Para tanto, tecemos bases históricas das relações Ilha Grande/continente, como também utilizamos as considerações de turistas e moradores, compondo um quadro que, no nosso entender, legitimou o atual sistema de organização da prática turística local.<sup>3</sup>

\* Trabalho adaptado da monografia de conclusão de curso “*Geografia e Turismo: o caso da Ilha Grande, Rio de Janeiro*”, defendida pelo autor em junho de 1997

1 Estudante do Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

2 CARLOS (1996:28) estabelece lugar “*como produto de relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora, produzindo a identidade*”.

3 As considerações de turistas e moradores foram obtidas através de questionários aplicados em campo nos meses de fevereiro e junho de 1997. Para os turistas foram aplicados cem questionários nas praias do Abraão, Preta, Júlia, Crena e Dois Rios. Para os moradores foram aplicados quarenta questionários na localidade do Abraão.

Em princípio, devemos ter em mente que ao analisarmos a dinâmica evolutiva da criação de um espaço turístico no Brasil, no nosso caso a Ilha Grande, como veremos a seguir, é que, a tal dinâmica, está no bojo de uma série de contradições políticas, econômicas e sociais. E estas contradições vão ser expressas pela falta de infraestrutura básica, como saneamento, energia elétrica, e pela falta de consenso entre as diretrizes políticas e/ou públicas, o que, de um modo geral, tem conduzido a uma maior investigação dos impactos causados pelo turismo, quer sejam os ambientais, sociais, econômicos e/ou culturais.

## OS LUGARES DA ILHA GRANDE

Um lugar é também antes de tudo uma porção da superfície terrestre identificada por um nome. Este conceito tem origem em basicamente dois princípios fundamentais: o primeiro remete as suas características físicas naturais; o segundo decorre de motivações advindas de como se expressam as relações entre o homem e o seu meio ambiente, sobretudo no que condiz a princípios culturais.

O nome *Ilha Grande* tem origem numa apropriação portuguesa do termo indígena *ipaiú guassú* (ilha grande), dado pelos tupinambás, em razão da própria dimensão territorial da ilha. São 187 km<sup>2</sup> de área, que significam a condição de maior ilha do estado do Rio de Janeiro e terceira maior do Brasil.

Entre os séculos XVI e XVII, a Ilha Grande também era denominada de *Placentia* ou *Placenzia*, que em italiano arcaico significa *repouso, albergue, tranquilidade*, nome que chegou até figurar

em mapas cartográficos da época. Posteriormente apropriados pelo *marketing* turístico local.

Assim, Abraão, Lopes Mendes, Provetá, Parnaioca, Freguesia de Santana, Praia de Araçatiba, Dois Rios são nomes de lugares que, com suas singularidades, conferem à Ilha Grande particularidades, cujo processo histórico de ocupação e a relação estabelecida entre o homem e natureza local fizeram surgir. Relação esta que pode ser entendida como um processo contínuo, que se justifica pelo apego à terra à água, com as quais o pequeno agricultor e o pescador ganham a vida.

Para SANTOS (1994:97) este processo não se dará apenas num plano interno, pois “o que define um lugar, é exatamente, uma teia de objetos e ações com causa e efeito, que formam um contexto e atingem todas as variáveis já existentes, internas; e as novas <externas>, que vão se internalizar”.<sup>4</sup>

## DOS LUGARES DA ILHA GRANDE, O ABRAÃO DESTACA-SE COMO PORTA DE ENTRADA

Dos lugares da Ilha Grande, o Abraão é o mais importante porque, além de ser a sua porta de entrada, visto que é a única localidade da Ilha onde há um cais em condições (precárias) de receber barcas de maior porte; também é ali que se expressam mais intensamente a institucionalização do turismo, sobretudo pela disposição de infraestrutura (igualmente precária), que permitiu a dinamização dos serviços turísticos.<sup>5</sup>

4 Para SANTOS (1994:96), o interno é tudo que, num momento dado, está presente num lugar determinado. No interno as variáveis têm a mesma dimensão do lugar, as dimensões se superpõem delimitadas pelo lugar. O interno é aquilo que, num momento dado, aparece como local... Mas as variáveis que formam uma situação são freqüentemente extralocais, portanto mais amplas que o lugar. A escala das variáveis é maior que a escala do lugar (o país, o mundo). O externo é tudo aquilo cuja sede é fora do lugar e tem uma escala de ação maior do que o lugar, muito embora incida sobre ele...A realidade do externo depende, todavia, do interno. Nenhuma variável externa se integra numa situação, se esta não tem internamente as condições para aceitá-la. Assim, uma multinacional hoteleira não instala seus serviços num lugar se este não lhe oferece condições para tanto, ou infraestrutura (energia, transportes...).

5 A origem do nome Abraão tem princípios estabelecidos pela primeira noção que os navegantes portugueses tiveram do local, quando se depararam com uma *grande abra*, cuja simplificação conduziu ao nome *Abraão*, que perduraria até a chegada dos jesuítas à ilha, a fim de catequizar seus habitantes, visto que de *Abraão* passou para *Abraão*, o personagem bíblico.

A vila do Abraão é a localidade que centraliza a vida social de praticamente toda a Ilha Grande. E esta condição advém de um passado histórico, expresso por distintos momentos de relações espaciais institucionalizadas materialmente por novas estruturas que vêm compor sua paisagem, novos prédios, novos usos de prédios antigos que sintetizam novas relações sociais, ou uma nova relação entre o homem e o seu lugar. Assim, como especifica SANTOS (1994:98),

*cada lugar combina variáveis de tempos diferentes, não existindo um lugar onde tudo seja novo ou onde tudo seja velho. A situação é uma combinação de elementos com idades diferentes. O arranjo de um lugar, através da aceitação ou rejeição do novo, vai depender da ação dos fatores de organização existentes nesse lugar, quais sejam, o espaço, a política, a economia, o cultural.*

No caso do Abraão, o novo (o turismo) e o velho (a pesca, o presídio) são perfeitamente visíveis em sua paisagem. À direita do cais de desembarque, encontra-se a vila dos antigos funcionários do presídio, localizada na área do Parque Estadual da Ilha Grande, administrada pelo Instituto Estadual de Florestas, cuja posse das casas encontra-se em litígio. Este ambiente encontra-se com suas formas em espera de uma nova utilidade, algumas já adaptadas, como o corpo de bombeiros, a ONG Brigada Mirim Ecológica, a administração do PEIG, etc.

À esquerda do cais, encontra-se o caos, o *burburinho* do turismo, as pousadas que não param de crescer e surgem do dia para a noite. Se cruzarmos as ruas da Praia e Getúlio Vargas, as principais do Abraão, veremos que praticamente todas as casas transformaram-se em pousadas, *campings* ou bares, ali concentra-se a infra-estrutura turística da Ilha Grande, os ditos serviços urbanos, imprescindíveis, mesmo aos que buscam na Ilha Grande os resquícios de uma natureza ainda inalterada pelo homem.

## RODOVIA RIO-SANTOS: CAMINHO ABERTO PARA O TURISMO

O acesso ao litoral sul-fluminense e ao litoral norte paulista esteve dificultado, até o início da década de 70, pela precariedade das redes de comunicação e transportes até então existentes. Conforme expõe o Plano Diretor do Parque Estadual da Ilha Grande – PD-PEIG (1982:76), as pequenas cidades, vilas e povoados, conservavam a arquitetura e a cultura tradicional, encontrando-se, ainda, a tradição dos caiçaras vivendo da pesca e da agricultura de subsistência.

Quanto à atividade turística, BENHAMOU (1971:81) avalia que o turismo na região era limitado aos meses de janeiro e fevereiro e alguns feriados prolongados. “Angra era muito distante do Rio ou de São Paulo para ter movimentos nos fins de semana”.

A construção da rodovia Rio-Santos, inaugurada em 1974, tinha o objetivo claro de inserir a região sul fluminense no projeto de Desenvolvimento Nacional, motivado pelo *milagre brasileiro*. BERTONCELLO (1992:68) observa que a construção da rodovia visava a modernização das estruturas arcaicas da área, inclusive da estrutura turística, evidenciando o *planejamento* de tal *modernização*.

Dessa forma, a construção da referida rodovia significou uma ruptura da forma de organização do espaço até então existente. Assim, novas formas de organização política, social e principalmente econômica vieram a se instalar na região. No caso do município de Angra dos Reis, os elementos mais significativos desse processo foram a instalação da primeira usina nuclear brasileira, em 1974, do terminal marítimo da Petrobrás na Baía da Ilha Grande (TEBIG), em 1977 e por fim, o turismo, com a dinamização de casas de veraneio e da rede hoteleira de grande porte.

No caso específico da Ilha Grande, ainda que a rodovia Rio-Santos a tenha *aproximado* do continente, devemos ressaltar que o acesso à mesma, mesmo depois de sua inauguração, ficou

dependente, durante toda a década de 70, da precariedade imposta pelas barcas da Companhia Sul Fluminense de Navegação, que operava com embarcações que transportavam um máximo de 60 passageiros. Com linhas Angra dos Reis-Abraão e Mangaratiba-Abraão.

Ainda assim, a inauguração da rodovia abriu caminho para que, na década de 80, houvesse a dinamização da prática do turismo, via crescimento da oferta de serviços turísticos (hotéis, pousadas, *campings*, etc); e conseqüentemente, já na década de 90, auxiliada pelo fim das atividades carcerárias com a desativação do presídio Cândido Mendes, a afirmação do turismo.

A partir desses pressupostos devemos procurar entender porque a Ilha Grande, enquanto território do município de Angra dos Reis, esteve tão à parte do desenvolvimento turístico que ocorreu no litoral continental desse município logo após a inauguração da rodovia Rio-Santos, bem como porque foi somente a partir da década de 90 que o turismo veio a se firmar como principal agente de suas relações sócio-econômicas. Para tanto, devemos tecer bases históricas que legitimem e que justifiquem o seu atual estágio de organização.

### **ANTECEDENTES HISTÓRICOS: DAS FAZENDAS AO TURISMO**

A implantação do turismo na Ilha Grande, a partir da década de 70, até sua afirmação na segunda metade da década de 90, estabeleceu uma nova ordem na relação dos fluxos entre a ilha e o mercado externo. Nova, porque não foi a primeira, o que de antemão alija a idéia de *paraíso intocado pela mão do homem*, que permeia os que a adjetivam como tal.

A título de melhor sintetizarmos os fluxos na relação Ilha Grande-mercado externo, traçamos um breve histórico através de três momentos em que prevalece determinado *produto* de troca. O primeiro se inicia com a ocupação portuguesa no século XVI e vai até o final

do século XIX, período em que predominou a exploração agrícola. O segundo se inicia com o desenvolvimento das atividades carcerárias, no início do século, e se prolonga até a desativação do presídio Cândido Mendes, em 1994, observando-se, ainda neste período, a industrialização da sardinha. O último vai desde então, quando o turismo se afirma como a principal atividade econômica.

• **Primeiro momento: as fazendas exportadoras** – Desde o século XVIII até meados do século XIX se estabeleceram na Ilha Grande fazendas que cultivavam café e, principalmente, cana-de-açúcar. A produção agrícola praticada nessas fazendas nos conduz a repensar, a partir do ponto de vista de exploração do ambiente, via comercialização do excedente produzido, a insularidade da Ilha Grande; pois as *pontes* com o continente, já no século XIX, eram freqüentes, como observam OLIVEIRA E NETTO (1996:116). Salientam ainda que a pauta de exportação entre a ilha e o mercado externo passou a incluir açúcar, cacau, café, escravos e bens diversos. Todo esse ambiente de exploração agrícola foi baseado na exploração da terra, o que levou a um ciclo de erosão de severa intensidade.

• **Segundo momento: os presídios e as fábricas de salga de sardinha** – A chegada do século XX, já com o Brasil como República, trouxe consigo um novo modelo de organização de fluxo entre a Ilha Grande e o continente, notadamente dominado pelo transporte de presos políticos e comuns advindos de diversos pontos do país, visto que a antiga fazenda de Dois Rios foi transformada, em 1903, na Colônia Correccional de Dois Rios, o que significaria para a Ilha Grande quase um século de *isolamento*.

A partir de 1932, as instalações de um antigo Lazareto também passaram a ter função de cárcere, pois passaram a abrigar a Colônia Penal Cândido Mendes até a década de 50, quando o presídio foi desativado e, posteriormente, des-

truído sob ordens do então governador do estado da Guanabara Carlos Lacerda.<sup>6</sup>

A partir da década de 50, motivadas pela elevada piscosidade da Baía da Ilha Grande, instalaram-se na Ilha cerca de vinte fábricas de salga de sardinha, em localidades como Bananal, Matariz, Sítio Forte e Abraão. Essas fábricas foram sendo gradativamente desativadas à medida que a produção do pescado diminuía. A última a ser desativada foi a Ebrapesca, em 1992, que funcionava na localidade de Matariz.

Assim, durante todo o tempo em que as atividades carcerárias e pesqueiras-industriais ditaram a organização sócio-espacial da Ilha Grande, predominou uma nova ordem na relação Ilha-continente, expressa também no plano da idéias, seja pelos *horrores do presídio*, presentes em *Memórias do Cárcere* de Graciliano Ramos, seja pelo sensacionalismo da imprensa nacional ao relatar as histórias das *fugas fantásticas*, como a do bandido *Escadinha*, de helicóptero, em 1985.

• **Terceiro momento: o turismo** – A decadência do sistema carcerário começou na década de 70, quando o mesmo passou a ser administrado pelo governo estadual. A partir de então passou a ser cogitada sua desativação, que ganhou forças na década de 80 e se concretizou na década de 90, com a implosão do presídio Cândido Mendes em abril de 1994.

A construção da Rodovia Rio-Santos dinamizou a realização de projetos turísticos para toda a região por ela cortada. No caso específico da Ilha Grande, abriu-se margens a uma nova *relação de troca* entre a Ilha e o *mercado externo* que deve ser entendida pela afirmação do turismo como principal agente das relações sócio-econômicas locais.

## TRÊS TEMPOS, TRÊS DÉCADAS - A CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO PARA SER EXPLORADO TURISTICAMENTE

O processo de implantação do turismo até a sua afirmação como principal atividade sócio-econômica da Ilha Grande, obedeceu, para nós, a três ciclos evolutivos, que determinamos temporalmente como de 1974 a 1984, de 1984 a 1994 e de 1994 até os dias atuais.

Para que pudéssemos acompanhar a evolução desses processos, utilizamos, a título de ilustração, três reportagens publicadas nos jornais *O Globo* de 23/04/76 e de 06/09/84 e *Jornal do Brasil* de 12/02/95. Juntamente com estas reportagens de base, uma série de outras afins nos auxiliaram no desenvolvimento da pesquisa.

### A IMPLANTAÇÃO DO TURISMO - DÉCADA DE 1970

A reportagem *Um paraíso sem infra-estrutura*, publicada no jornal *O Globo*, de 23/04/76, denunciava a falta de infra-estrutura na Ilha Grande diante da perspectiva do desenvolvimento turístico em seu território, mediante a dinamização de projetos afins.

Fatores como falta de energia, saneamento básico, transportes, serviços hospitalares e educacionais, sintetizavam os princípios que advogavam que o *Turismo na Ilha Grande ainda demora* (*O Globo*, 25/09/83), muito embora a presença do presídio Cândido Mendes também fosse apontada pela *demora da chegada do turismo*.

Esse quadro completava-se com a reclamação dos moradores por postos médicos e por escolas, cuja ausência conduzia uma parcela significativa da população a deixar a Ilha para viver em outros locais. Fato que pode ser avaliado,

6 O referido lazareto foi inaugurado em 1886, a 200 metros da praia do Abraão, nas terras que pertenciam à fazenda do Holandês, que foram adquiridas pelo governo imperial. Seu uso se destinava ao repouso e quarentena dos viajantes que chegavam da Europa, objetivando com isso que o país não fosse invadido pela cólera que se disseminava na Europa. A função como lazareto foi precária até 1902. Hoje as ruínas do lazareto, embora abandonadas, representam o monumento histórico mais importante da Ilha Grande.

entre outros fatores, a partir de uma observação no quadro evolutivo de sua população residente que, em 1950, era constituída por 6.760 pessoas e, em 1991, por 4.402 (Censos Demográficos do IBGE, 1950 e 1991).

À parte esta problemática, foram inaugurados, nesse período, dois locais de hospedagem: o Hotel Mar da Tranqüilidade, no Abraão, e o Hotel Paraíso do Sol, na Enseada de Palmas.

Ainda que a presença destes hotéis fosse incipiente para caracterizar uma dinâmica evolutiva do turismo, o interesse despertado pela necessidade de transformar a Ilha Grande em pólo turístico era iminente, fato expresso na criação de uma série de projetos afins, vinculados tanto à iniciativa privada quanto à pública.

#### **DINAMIZAÇÃO DO TURISMO - DÉCADA DE 1980**

A partir de *A natureza ainda inalterada pela mão do homem*, título da reportagem publicada pelo jornal *O Globo* em 06/09/84, discorreremos sobre as considerações que legitimaram, a nosso ver, a dinamização do turismo na Ilha Grande.

Em princípio, a referida reportagem alude ao fato, inconcebível, da *intocabilidade* da natureza local. Na verdade, essa adjetivação era *marketing* turístico presente na maior parte das reportagens publicadas nos meios de comunicação durante o período em questão, como em *Ilha Grande, irresistivelmente bela, selvagem* (*O Globo*, 06/02/86), *Ilha Grande e linda* (*O Globo*, 23/03/87) e *Ilha Grande: um tesouro* (*O Globo*, 04/01/90).

A oferta de serviços turísticos se dinamizou, e a década de 1990 chegava com a presença de mais de trinta locais de hospedagem (entre pousadas e *campings*). As últimas fábricas de salga foram desativadas.

O número de embarcações particulares fazendo o transporte de passageiros entre a Ilha e o continente, bem como passeios por suas praias, também passou a ser crescente. No bojo do crescimento turístico reforçavam-se as leis de preservação ambiental, expressa pela criação de su-

cessivas Unidades de Conservação. Atualmente a Ilha Grande é protegida por mais de dez parques e reservas, entre os quais destacam-se o Parque Estadual da Ilha Grande, criado em 1971, e a Reserva Biológica da Praia do Sul, criadas em 1981.

Independente de todos esses problemas, associados predominantemente à falta de infra-estrutura, acirrou-se a elaboração de projetos turísticos para a Ilha Grande. A desativação do presídio Cândido Mendes passou a ser fundamental para transformá-la em pólo turístico, fato somente consumado em 1994, quando a implosão do prédio principal do presídio pôs um fim definitivo às atividades carcerárias e abriu o que demonstrava ser o caminho para o turismo.

#### **AFIRMAÇÃO DO TURISMO - A PARTIR DE 1994, A IMPLOÇÃO DO LUGAR**

A reportagem publicada no *Jornal do Brasil* em 12/02/95, com o título *Uma nova implosão ameaça a Ilha Grande*, coloca o turismo na condição de novo vilão para a sua *intocabilidade*. Das manchetes que aludiam à Ilha como paraíso, passou-se a perceber as discussões em torno do turismo e suas conseqüências ambientais: *Luta agora é pela emancipação* (*O Globo*, 11/04/97); *Ilha de uma triste fantasia - paraíso da Costa Verde vira centro de prostituição infantil* (*O Dia*, 16/03/97); *Golfinhos da Ilha Grande sofrem ameaça - outras espécies de cetáceos também podem desaparecer devido à destruição do hábitat* (*O Globo* 19/05/97); e *Ilha Grande fica pequena no verão* (*O Globo*, 25/05/97). Com essas reportagens desmistifica-se o *paraíso* diante de uma realidade que congrega um *boom* populacional sem o mínimo de infra-estrutura que o comporte.

#### **O TURISMO TRANSFORMA O LUGAR**

O peso do turismo na Ilha Grande redimiu uma suposta pré-ordem, sobretudo social, que estava até então arraigada, vindo assim a *quebrar a harmonia* homem-lugar, ao apropriar-se do

mesmo transformando-o em espaço a ser consumido via lazer. Surge assim toda uma problemática decorrente da ação turística. Novos lugares (não-lugares para o turista) foram criados, pois os turistas não têm identidade, conhecimento, afetividade com estes lugares.<sup>7</sup>

No âmbito desta análise, podemos considerar HARVEY (1994:258), ao interpretar nossa sociedade como uma *sociedade do descarte*, “apelidada assim por autores como Alvin Toffler (1970), a partir da década de 1960 (...) mais do que jogar fora bens produzidos (criando um enorme problema do que fazer com o lixo), esta sociedade se caracteriza por ser capaz de atirar fora valores, estilos de vida, relacionamentos estáveis, apego às coisas, edifícios, lugares, pessoas e modos adquiridos de agir e ser.”

Em seu estudo, MONKEN (1995:51) atenta para o fato de que em muitas localidades da Ilha é cada vez mais freqüente encontrarmos casas de antigos pescadores vendidas para veranistas e, assim, remodeladas para o gosto do novo proprietário. Nesse intento, a perda da arquitetura original de muitas de suas localidades foi muito contestada nos questionários aplicados, principalmente por parte de alguns investidores turísticos, que vêem inclusive um processo de favelização no Abraão.

A forma como os novos lugares são apropriados pela indústria turística pode ser observada através dos novos valores, que são associados aos mesmos, para atender à nova realidade vigente. Hoje, o que se vende são as paisagens da Ilha Grande, adjetivadas como *Caribe brasileiro*, *Paraíso Tropical* e tudo que nela existe de potencial turístico: a Lagoa Azul, A Lagoa Verde, Gruta do Acaiá, Pico do Papagaio, Ruínas do Presídio antigo (Lazareto), Ruínas do *Presídio da Ilha Grande*, que são estrelados de acordo com os re-

quisitos que a moderna indústria turística privilegia como ambientes aptos a serem explorados turisticamente.

A Lagoa Azul foi a preferida por 22% dos entrevistados. A Lagoa Azul (na Ilha Grande) é tão metafórica quanto à do filme Lagoa Azul (produzido em 1980), pois não se trata de uma lagoa e sim de uma enseada, que nem ao menos tem a água azul. Mas as águas límpidas (pelo menos por enquanto), sugerem o máximo de idealização do paraíso proposto no filme.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

As observações traçadas nesse trabalho nos permitiram estabelecer algumas considerações finais acerca da transformação do lugar Ilha Grande através da dinamização da atividade turística

Se o turismo é hoje a principal atividade econômica da Ilha Grande, cujo potencial turístico é altíssimo, por que não traz os eventuais benefícios, pelo menos financeiros, à sua população? Em primeiro lugar devemos entender que um dos elementos do espaço turístico, ou seja, o turista, é externo ao núcleo receptor, que se *molda*, assim, para servir o que não lhe pertence. Desta forma cria-se uma dependência com o *mercado externo*.

No nosso caso, esse *mercado* é a cidade do Rio de Janeiro, pois é o principal núcleo emissor do espaço turístico que envolve a Ilha Grande, como evidenciamos em campo. Deve-se, então, atentar para questões pertinentes ao quadro econômico-social em que se encontra aquela cidade.

Por outro lado deve-se abdicar da idéia da insularidade da Ilha Grande, pois o seu sistema político, econômico e social está atrelado à realidade nacional, marcada, ainda, por intensas desigualdades sociais.

7 Concordamos com CARLOS (1996:26) quando observa que “o não-lugar não é simples negação do lugar, mas uma outra coisa, produto de relações outras; diferencia-se do lugar pelo seu processo de constituição, é nesse caso produto da indústria turística que com sua atividade produz simulacros ou constrói simulacros de lugares, através da não-identidade, mas não pára por aí, pois também se produzem comportamentos e modos de apropriação desses lugares”

Dessa forma o problema do turismo em questão é o problema da falta de infra-estrutura básica (saneamento, educação, saúde, comunicação...); que por sua vez é um problema do Estado, pois ao Estado cabe o desenvolvimento desta que, embora não seja necessariamente destinada aos turistas, mas à população da Ilha também, em muito contribui para o seu desenvolvimento. Cabe à prefeitura de Angra dos Reis (por estar *mais próxima* da realidade local) monitorar aplicações de investimentos públicos ou mesmo privados.

Deve-se buscar alternativas de atividades econômicas para que não se *sobrecarregue* a atividade turística. Neste intento, o projeto Maricultura, desenvolvido pela prefeitura, merece crédito. O referido projeto visa a implantar quarenta parques de cultivo de mexilhões e ostras e seis centros de captação de sementes de mexilhões nas comunidades pesqueiras, bem como implantar cinquenta módulos atratores de pescado na Baía da Ribeira, principal criadouro de peixe da região.

Em suma deixamos em aberto uma maior investigação do significado do turismo para a população local, visto que este item é de fundamental importância para compreendermos a dinâmica social do turismo na Ilha Grande. Para tanto, deve-se partir para uma análise mais profunda do mesmo, valorizando principalmente as condições de trabalho, o que demanda um tempo de pesquisa incompatível com a realidade presente.

Quanto aos possíveis problemas ambientais provocados pelo excesso de turistas na Ilha, deve-se atentar para o fato de que há leis ambientais suficientes para proteção de seus ecossistemas. Adequar estas leis à realidade presente, como exposto neste trabalho, é outra questão, que passa, naturalmente, pelo turismo. Intensificar a fiscalização (terrestre e marítima), inclusive com apoio da população local; monitorar as trilhas com instalação de sinalizações, lixeiras e principalmente impedir o acesso às cachoeiras (a mon-

tante), visto que, das mesmas, a água é retirada para servir diretamente à população; impedir construções irregulares, bem como as praias particulares são princípios básicos para um melhor desenvolvimento do turismo com a conservação dos ecossistemas locais. No que diz respeito ao papel da iniciativa privada, esta deve disciplinar os equipamentos turísticos, principalmente os *campings*; bem como combater, através de sua organização (Conselho Distrital de Turismo da Ilha Grande), o descaso com os monumentos históricos locais (as ruínas do lazareto, as igrejas como a de Freguesia de S'Antana e de Dois Rios, e a própria Vila de Dois Rios), afinal, *nem toda dia é dia de sol*. Neste intento, o *lixão* (depósito de lixo da prefeitura), localizado a 20 metros das ruínas do Lazareto, na encosta da praia Preta, deve ser transferido para um local mais adequado. Em princípio, concluímos que há, independente dos projetos turísticos afins, a intenção dos investidores turísticos localizados no continente de preservarem a Ilha Grande. A saber: Hotel do Frade, Portogalo, Bosque, Angra Inn, Club Méditerranée, Portobello Hotel Resort e, em construção, *cidade imperial* Porto Real Resort que têm como cenário, ao fundo, a Baía da Ilha Grande. Estes hotéis programam *tours* pela Ilha através de iates, saveiros, ou mesmo sobrevôos de helicóptero. Sendo assim, interessa à rede hoteleira, que se instala na continente, a manutenção da *intocabilidade* da Ilha Grande.

## RESUMO

*O objetivo desse trabalho consiste em analisar o processo de evolução do turismo na Ilha Grande, localizada no litoral sul fluminense. Para tanto recorreremos a toda uma perspectiva histórica que aborda os três principais momentos que ditaram as relações ilha-continente: exploração/exportação de produtos agrícolas até meados do século XIX; atividades carcerárias e pesqueira-industrial, durante praticamente*

todo o século XX; e por fim a afirmação do turismo a partir da década de 1990. Através dessa perspectiva acreditamos tecer bases que legitimam o atual estágio de organização da atividade turística local, cuja realidade está atrelada às condições/contradições políticas, econômicas e sociais, que permeiam a organização da atividade turística no Brasil, marcada, sobretudo, pela falta de infra-estrutura básica.

## **PALAVRAS-CHAVE** \_\_\_\_\_

*Ilha Grande; Lugar; turismo; desenvolvimento; Infra-estrutura.*

## **ABSTRACT** \_\_\_\_\_

*The objective of this research consists in analyzing the evolution of tourism in Ilha Grande, in the state of Rio de Janeiro's south seaside. The author has resorted to a historical perspective that broaches the three main moments which defined the relations between island and mainland: exploitation/exportation of agricultural products until mid-nineteenth century; presidiaries activities and industrial fishing during almost all twentieth century; and finally the affirmation of tourism since the beginning of 1990 decade. The researcher believes this perspective legitimates the local touring activity's present stage of organization, whose reality is connected to political, economic and social conditions/contradictions of Brazil's touring activity, mainly characterized by the lack of infrastructure.*

## **KEYWORDS** \_\_\_\_\_

*Ilha Grande; Place; Tourism; development; Infrastructure.*

## **BIBLIOGRAFIA**

- BECKER, Bertha H. *Levantamento e avaliação da política federal de turismo e seu impacto na região costeira*. Brasília, DF: Ministério de Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal, 1995, 55 p.
- BENHAMOU, F. *Turismo e veraneio nas regiões periféricas da metrópole carioca*. Rio de Janeiro: UFRJ, PLANUR, 1971, 101 p.
- BERTONCELLO, Rodolfo V. *Processo de modernização e espaço local: o caso do município de Angra dos Reis (RJ)*. Rio de Janeiro: UFRJ. Dissertação de mestrado, 1992, 384 p.
- CARLOS, Ana F. Alessandri. O turismo e a produção do não-lugar. In YÁZIGI, Eduardo e Ogrs. *Turismo: espaço, paisagem e cultura*. São Paulo: Hucitec, p. 25-37, 1996.
- EMBRATUR. *Desenvolvimento turístico do litoral Rio-Santos*. Ministério da Indústria e do Comércio, 1975, 187 p.
- FLUMITUR. *Inventário Turístico do Litoral Sul- Angra dos Reis e Paraty*: Mata Verde, Gente Boa, Céu Azul. Rio de Janeiro, Secretaria da Indústria e Comércio/FLUMITUR, 1978, 101 p.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 1994, 349 p.
- LIMA, Honório. *Notícia histórica e geográfica de Angra dos Reis*. Revista, ampliada, anotada e com resumo por Alípio Mendes. Angra dos Reis, RJ, 1972, 175 p.
- MONKEN, Maurício. *A noção de lugar no estudo da Ilha Grande, RJ*. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ. Dissertação de mestrado, 101 p., 1995
- NESI, Waldir. *Notícias históricas da Ilha Grande (RJ)*. Rio de Janeiro: Edição do autor, 1990, 180 p.
- OLIVEIRA, Rogério R. e NETTO, Ana L. Coelho. O rastro do homem na floresta: a construção da paisagem da Reserva Biológica Estadual da Praia do Sul (Ilha Grande, Rio de Janeiro), a partir das intervenções antrópicas. Rio de Janeiro: *Albertoa*, V. 4, nº 10, p.109-116, jun. 1996.
- RANDOLPH, Rainer. *As potencialidades do turismo na Ilha Grande: uma análise sócio-territorial de diferentes formas de aproveitamento turístico e de suas conseqüências ambientais*. Rio de Janeiro: UFRJ/IPPUR-ORTES, 1994, 120 p.
- RIBEIRO, Orestes. *Estórias da Ilha Grande*. Brasília. Coleção Tancredo Neves, 1989.
- RODRIGUES, Adyr A. B. Geografia e Turismo: notas introdutórias. São Paulo, *Revista do Dep. de Geog. da USP*, Nº 6, p. 44-51, 1992.

\_\_\_\_\_ Tempo livre como objeto de consumo e lazer dirigido como oportunidade de manipulação. *Boletim Paulista de Geografia*, A.G.B.São Paulo, n° 67, p.17-25, 1° semestre.1989.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec,1994, 124 p.

UFRRJ. *Plano diretor do Parque Estadual da Ilha Grande*. Rio de Janeiro, UFRRJ, V.1, 247 p., 1992.

YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana F. A. e CRUZ, Rita C. A.(Orgs). *Turismo: espaço, paisagem e cultura*. São Paulo: Hucitec, 1996, 305 p.

#### JORNAIS CONSULTADOS

Um paraíso sem infra-estrutura, *O Globo*. Rio de Janeiro, 23/04/76

Parque turístico da Ilha Grande é inaugurado em março, *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 25/02/79.

Turismo na Ilha Grande ainda demora, *O Globo*. Rio de Janeiro, 25/09/83

Quem dá mais pelo paraíso? *O Globo*. Rio de Janeiro, 20/04/84

A natureza ainda inalterada pela mão do homem, *O Globo*. Rio de Janeiro, 06/09/84.

Na Ilha Grande moradores são contra o fim do presídio, *O Globo*. Rio de Janeiro, 24/01/86

Ilha Grande, irresistivelmente bela e selvagem, *O Globo*. Rio de Janeiro, 06/02/86.

Ilha Grande e Linda, *O Globo*. Rio de Janeiro, 23/03/87.

Ilha Grande: um tesouro, *O Globo*. Rio de Janeiro, 04/01/90.

Uma nova implosão ameaça a Ilha Grande, *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 12/02/95.

Luta agora é pela emancipação, *O Globo*. Rio de Janeiro, 11/04/97.

Ilha Grande fica pequena no verão, *O Globo*. Rio de Janeiro, 25/05/97.

Ilha de uma triste fantasia – paraíso da Costa Verde vira centro de prostituição infantil, *O Dia*. Rio de Janeiro, 16/03/97.

Golfinhos da Ilha Grande sofrem ameaça – outras espécies de cetáceos também podem desaparecer devido à destruição do habitat, *O Globo*. Rio de Janeiro, 19/05/97.